

A TV e a literatura na construção social da infância

Odila Maria F. Carvalho Mansur
Pedagoga. Mestre em Cognição e Linguagem UENF

Renato Moretto
Médico. Mestre em Cognição e Linguagem UENF

Ser criança

O signo criança origina-se do latim “creator / - oris”. (CUNHA, 1986, p. 227). Este substantivo sobrecomum que significa “ser humano no período da infância, menino, menina”, surge a partir do século XIII, apenas. Ser criança é ser potencial. Como potencial traz uma possibilidade única: a de distinguir-se dos animais, porque aprende e é capaz de criar. Porém, Áries (1981) e De Mause (1992), em seus estudos sobre psichistória da infância, nos mostram que, quanto mais retrocedemos no tempo, mais cruéis veremos serem as relações adulto-criança.

Da Antigüidade até o século IV, a criança era vista como um ser sem alma, fruto do pecado original, sendo o infanticídio uma prática usual.

Do século V até o século XIV, a cultura reconhece que a criança tem alma, porém, ainda é vista como maléfica, eram cuidadas por amas e pouco faziam parte da vida emocional do adulto. A tendência era resolver os conflitos pelo abandono.

Do século XV ao XVII, desenvolve-se um novo sentimento de família, porém, a criança vivia misturada ao adulto. Surgem, agora, preocupações com o poder.

No século XVIII, graças às idéias humanitárias de John Locke e de Rousseau, as mães são estimuladas a amamentar e criar seus filhos, estabelecendo o vínculo primário pela humanização do conceito.

No século XIX surgem a Pediatria e a Puericultura, que consideram a infância como uma fase peculiar da vida, com necessidade de cuidados próprios. Porém, por influência da Psicologia Behaviorista, a criança ainda é vista como passiva e fruto dos estímulos e recompensa recebidas.

No século XX, por influência da Psicanálise, o pai assume papel relevante: símbolo de posse, de domínio, de limite. Porém, a falta de limites na educação dos filhos tem gerado desesperança e exclusão social. Mas quem é este “ser criança”?

Ao nascer, é um filhote de mulher. Para ser homem, precisa acrescentar requisitos essenciais à natureza que o conforma. Esses requisitos são a necessidade de se identificar, de ter um nome, de pronunciar a sua palavra, de criar o seu jeito de resolver problemas, de construir a sua história, os seus valores próprios, os seus significados únicos, originais. Ser criança é ser capaz de abrir-se, de humanizar-se, é ser criado, criatura e criador.

Infância é, também, símbolo de inocência: é o estado anterior ao pecado. Infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade, e este é o sentido que lhe é dado pelo taoísmo: “Apesar de vossa pouca idade avançada, tendes a frescura de uma criança” (TCHUANG-TSE, cap. 6) (CHEVALIER; GHEEBRANT, 1982, p. 32). A idéia de infância é uma constante nos ensinamentos evangélicos: “Em verdade vos digo, aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele” (BÍBLIA, LUCAS, 18:7).

Na tradição cristã, os anjos são muitas vezes representados como crianças, em sinal de inocência e de pureza. A criança é vista como alguma coisa imperfeita, que necessita ser lapidada, educada, a partir de critérios fixados pelo adulto. Esta é uma visão “adultocêntrica” e redutora, simplista, que precisa ser repensada. A criança, não é apenas uma quantidade pequena de anos, mas algo bem mais complexo. É um ser, datado e situado num determinado tempo e espaço, sujeito às inflexões do meio social e, portanto, histórico. Interage com o meio em que vive, influencia, e é influenciada por ele.

Piaget, como Rousseau, afirma que uma criança não é um adulto em miniatura, assim como a sua mente não é a mente de um adulto em sua escala menor. Segundo Piaget, o elo de todas as características específicas da lógica das crianças é o egocentrismo do pensamento infantil.

Antes do ser criança referir-se a um dado etário natural, ela é feixe complexo, sujeito a condições históricas e, por isso, variável. Portanto, a criança não é um ser passivo frente à cultura; é portadora de uma cultura própria, viva, produz cultura, é ativa, é capaz de reflexão.

Na sociedade pós-moderna, as crianças passam de “inocentes” a ditadoras, por vezes, hostis. Os laços de obediência, de respeito e de dependência do mundo adulto, acabaram sendo trocados por uma barulhenta autonomia. Perguntamos: influência da televisão? Falta de autoridade dos pais? Pobreza e exclusão social? Que marcas trazem as crianças de hoje, diferentes daquelas que as antecederam?

A criança, o imaginário, o livro...

Todos nós sabemos que, pelas histórias, emoções importantes são despertadas, como: tristeza, medo, alegria, raiva, bem-estar [...] e pode-se viver com toda intensidade o que as narrativas provocam em quem as ouve ou lê. É ouvir, sentir, enxergar com os olhos do imaginário. Outros lugares são descobertos, outros tempos, outros modos de ser e agir, outra ética e outra ótica. Diante dos personagens que se deparam com situações-problema ou conflitos que precisam resolver, a criança é, então, convidada a achar junto uma resposta para a situação. Todo o processo é vivido por meio da fantasia, do imaginário, com a participação de bruxas, fadas, animais falantes, entidades fantásticas. Será que a nossa criança, hoje, lê e vive este imaginário?

A fantasia é encenação imaginária em que o indivíduo está presente e traz de modo mais ou menos deformado, pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente, segundo a visão psicanalítica.

Esta não é privilégio do mundo infantil, entremeia também o mundo adulto, porém é a criança que, de forma plena, com amplitude e significância, utiliza-a como recurso natural no seu crescimento, desenvolvimento psíquico e maturação afetiva.

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é imensa, já que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% referem-se ao funcionamento interno, constituindo-se um mundo psíquico, de certa forma, independente, em que borbulham necessidades, sonhos, desejos, imagens, fantasias, influenciando a nossa concepção de mundo.

Imaginar é uma atividade de reconstrução, até de transformação do real, em função dos significados que damos aos acontecimentos ou das repercussões interiores que eles têm em nós. Não é afastar-se em relação ao mundo real; é seguir ao mesmo tempo uma via paralela. Jean-Paul Sartre diz: "O ato de imaginação é um ato mágico. É uma encantação destinada a fazer aparecer o objeto no qual se pensa, a coisa que se deseja de modo a dela tomar posse" (SARTRE, 1940, p. 161).

A televisão e o livro infantil: forças antagônicas?

Não há como negar a presença e a influência da TV no comportamento da criança dos dias atuais.

A televisão tem papel importante na dimensão semântica do processo de socialização, na medida em que fornece as significações (mitos, símbolos, representações), preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irreais (representando significações inexistentes no mundo vivido). Além disso, ela transmite também o saber acumulado e informações sobre a atualidade, fornecendo aos jovens uma certa representação do mundo.

Propiciando uma comunicação unilateral, na qual a criança é espectador mais ou menos passivo, mas de qualquer modo nunca participante, isto é, não podendo interferir no discurso da telinha a televisão não substitui a comunicação intersubjetiva presente nas relações entre a criança e as pessoas que fazem parte de seu universo. A TV não substitui a intersubjetividade, mas fornece os conteúdos para as situações de interação entre a criança e os outros, especialmente a família e o grupo de pares. Nestes, as mensagens da telinha são integradas aos jogos e brincadeiras, em que se manifestam as identificações, a distribuição de papéis e a discussão das regras do jogo, durante o qual se estabelece um complexo jogo de relações intersubjetivas de extrema importância para o desenvolvimento socioafetivo das crianças.

Sabemos o que a TV “ensina” aos nossos filhos e alunos? Conhecemos, concordamos, aceitamos as mensagens “impostas”? Que imaginário estas crianças vivem hoje?

Não temos todas as respostas, mas sabemos da importância de um bom livro como “alimento da alma”, dos sonhos, da poesia.

Apelando mais para as emoções do que para a racionalidade, segundo este estudo, no qual entrevistamos 60 crianças, sendo 30 de escola pública e 30 de escola particular, na faixa de 7 a 12 anos, mais de 88% das crianças assistem à TV com amigos ou sozinhas. A mensagem televisual é, em geral, mais icônica que discursiva e, talvez, não o bastante simbólica para realmente influenciar a construção da identidade do indivíduo. A aprendizagem da criança frente à televisão, porém, tem formas singulares: é essencialmente uma aprendizagem por impregnação, isto é, involuntária, inconsciente, sem querer, sem saber.

Crianças que durante anos consomem televisão de modo frenético ou seja, quase todas, já que 88% assistem à TV por mais de 2 horas diárias, absorvem certos tipos de mensagem, específicas do discurso televisual, em termos de linguagens, estilos, aspectos técnicos, elementos estéticos, que são de natureza diferente dos conteúdos dos livros. A televisão habitua o espectador a, por exemplo, privilegiar mensagens curtas (protótipo ideal: anúncio publicitário), a praticar o *zapping* e a "desligar" a atenção ou o aparelho quando um certo ritmo de sucessão de imagens e sons não é respeitado.

A repetição de estruturas significativas ao longo de sucessivas telenovelas revela a dimensão uniformizadora da mensagem televisual: independentemente das intenções e diferenças de cada autor, a narrativa vai sendo construída a partir das fórmulas de sucesso e a cada repetição, o estereótipo é refinado, aperfeiçoando seu potencial comunicativo e persuasivo.

A influência destas mensagens na construção do imaginário, do ideal de eu, na formação da personalidade da criança e do adolescente não é coisa fácil de detectar e muito menos, de medir, porém podemos observar, sempre, que estamos em situação de pesquisa com crianças e adolescentes, que os personagens da telinha são conhecidos, povoam seu imaginário e são pretexto e oportunidade de discussão de temas importantes (tais como os ligados à sexualidade), sem necessariamente ditarem comportamentos.

Vários indicadores mostraram-nos o quanto as mensagens da televisão influenciam na formação das crianças, especialmente com relação aos papéis femininos e masculinos e, portanto, à sexualidade. A repetição incessante de estereótipos acaba por transformá-los em modelos de comportamentos padronizados e desejo de consumo 67% na maioria dos casos, conflitantes com as possibilidades dos espectadores mirins. A frustração inconsciente, acumulada em muitas sessões da telinha, acaba por aflorar em comportamentos socialmente indesejáveis, inclusive de modo violento.

Será, ainda hoje, importante a literatura infantil na construção do eu?

Literatura infantil: portal do mundo

A criança é um "ser a caminho de si mesmo" e só ela pode percorrer esta estrada. Tudo o que vem de fora pode ser útil, mas deverá ser assumido conscientemente por ela, assim como apenas cada Ser pode assumir a tarefa de construir-se, de ordenar os fatos, a partir do núcleo de sua personalidade, que vai emergindo.

O Ser educado, nos dias atuais, não é o que possui um grande cabedal de informações, mas aquele que tem uma visão de totalidade que lhe permite uma leitura coerente dos fatos e acontecimentos isolados e, em relação à formação moral, busca formas respeitadas e solidárias de convivência. Este Ser sabe que não é completo, que a plenitude do seu existir não está assegurada: "é um ser a caminho". Este é o sentido da consciência hoje: encontrar elementos que sirvam à criança de orientação na conquista de um quadro referencial básico a respeito da natureza, da sociedade, do ser humano, para que possa se situar no mundo e na vida pessoal de modo mais feliz.

É imensa a percepção da criança que começa a conhecer o mundo, e para quem tudo é novidade. A criança está sempre inebriada com o espetáculo do mundo e a sensibilidade ocupa quase todo o seu ser (BAUDELAIRE).

Seria o sonho de sermos, a um só tempo, adulto e criança.

Na palavra "sensibilidade" cruzam-se dois eixos semânticos: o da percepção do mundo exterior, pelos sentidos, e o da emoção agradável ou penosa despertada por algumas sensações.

A literatura infantil é portal do mundo, passagem, porta que abre, ou no dizer do escritor Luis Gusmán: "A metáfora e a melhor forma de mostrar o mundo" (GUSMÁN, 2001). Diríamos que a leitura, no trânsito entre realidade e sonho, pelo prazer lúdico, sem fronteiras delimitadas, é a melhor maneira de conhecer o mundo. A palavra escrita, poética, graças ao seu poder de síntese, de encantamento, de concretude sgnica, alegre, diverte, intriga, questiona, liberta.

Conclusão

Desejando retomar o encantamento da vida, concluimos com o belo Jardins de Roseana Murray (2001), em que o sonho é o princípio de tudo, o que nos liberta das misérias do dia-a-dia. A poesia e o encantamento nos anunciam um novo templum/tempo, em que o artistaprofeta no sonhar e no narrar nos ensina que é possível colher flores nos jardins da vida. O desejo de habitar um "jardim secreto" traduz o desejo de eternidade paradisíaca, que está nas origens da poesia. Um jardim cercado de palavras e imagens coloridas por todos os lados, onde o poetasamenteiro nos convida a plantar flores no território da imaginação: "Flores alimentam sonhos / dão de comer aos olhos / arrumam e desarrumam formas e cores".

Lutando contra as dores e asperezas do mundo, o livro nos estimula a sonhar conforme os versos que se seguem: "Flores trazem notícias / do campo / das cores do arco-íris, /da imensidão dos sonhos".

A autora recupera a infância, imersa nos mistérios do mundo em estado mágico, ao fazer uma leitura sensorial da realidade: "Bem-me-quer, mal-me-quer, / busco teu coração nas pétalas de seda, / a enluarada confirmação".

Mito e poesia, encontram-se nos Jardins e comunicam, em linguagem cifrada, os conhecimentos primeiros da história humana. As imagens são um espetáculo visual de grande beleza e encantamento.

Construir a vida como uma obra de arte eis a atitude fecunda, semeando flores pelo sonho e vendo o real para além do que os olhos podem apreender, nos canteiros da existência

humana. Eis a literatura infantil como portal do mundo. O livro é e será sempre o alimento que não pode faltar no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Por ser mágica, fruição, prazer. Já o imaginário apresentado pela TV é pobre, em geral está ligado ao estímulo ao consumo e modelagem de padrões de comportamento. Então, é preciso que a criança possa refletir, analisar, discutir, criticar, neste longo processo de humanização do ser.

Para construir a cidadania é preciso resgatar as origens e os significados da cidadania na sociedade pós-moderna, o que significa resgatar os ideais de democratização do conhecimento e da informação como instrumentos de emancipação e formação da personalidade humana!

Referências

A caverna de Saramago. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 nov. 2000. Caderno Folha Ilustrada.